EPOPÉIA - 4

EPOPÉIA

Nº 4
Novembro 1952
Cr$ 5,00

ANTONIO EUZEBIO

Fenícia

Conversa do Diretor

N.º 4 + NOVEMBRO 1952 + Cr$ 5,00

EPOPÉIA (Revista Mensal). ★ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. ★ Telefone 48-6391. ★ Rio de Janeiro (D. F.), Brasil.

Era nossa intenção publicar no 5.º número de Epopéia, com capa de Monteiro Filho, uma das nossas histórias de maior interêsse: "Aquila Maris" isto é, "Águia do Mar". Com esta história, desejávamos trazer ao leitor o traço inconfundível de Capriole. Mas o veterano Monteiro Filho, que já se apresentara ao leitor com as capas dos números 2 e 3 de Epopéia, atrasou a de "Aquila Maris". Assim, à última hora, resolvemos substituir essa história por outra, igualmente com desenhos de Capriole, para a qual Antônio Euzébio — êsse outro gigante do pincel — já havia terminado uma capa: "O Hussardo da Morte".

Trata-se de um episódio da vida dos magiares — o valente povo húngaro, sempre sequioso da liberdade. A narrativa se passa no ano de 1849. Logo de início põe o leitor naquele ambiente montanhoso e nos mostra um fugitivo, em andrajos, exausto, subindo pelos caminhos rochosos. Ao longe, divisa um castelo. E exclama, emocionado:

— "Oh, o castelo de Kozma! O castelo dos meus antepassados! Cheguei, finalmente!".

O castelo de Kozma era uma parte do próprio ser daquele homem andrajoso que se vinha arrastando, era a sua terra natal, a santa terra dos seus pais! A porta se abre lentamente... E uma voz pergunta:

— "Quem sois vós?".

— "Pedro, não me reconheces? Sou Francisco, o filho de Ricardo Kozma!".

— "Oh, supunha-vos tão longe daqui, senhor... no exílio... Vinde, a casa é vossa! Estais cansado, deveis repousar..."

Mas, na verdade, o homem não estava cansado nem queria repousar. Aquêle castelo lhe reavivava, à memória, tôdas as recordações de tempos passados...

— "Pedro, mostra-me a gloriosa farda de meu pai!"

— "Ah, a farda preciosa! Lembrai-vos ainda? Está, como sempre, ali, no armário envidraçado! Está ali como eu a trouxe de volta dos campos de batalha, manchada com o sangue de vosso pai!"

O castelo dos Kozmas tivera uma fama bem triste. No passado, os Kozmas, que eram ligados por laços de parentesco à aristocracia austríaca, tinham interferido contra os montanheses dos Tatra. Um único membro da família se tinha oposto ao sistema feudal dos antepassados. Mais tarde, alistara-se como voluntário entre os Hussardos da Morte e combatera sob as insígnias napoleônicas. Morrera em luta contra os russos. Chamava-se Ricardo Kozma e era o pai de Francisco... Êste crescera em Buda, longe do castelo. Devido ao seu patriotismo exaltado, tornara-se odiado pela polícia austríaca e acabara na prisão. Decorridos anos, mortos os parentes, restara, no castelo, apenas Pedro, o velho servidor que voltara inválido dos campos de batalha da Rússia... E agora, tendo sofrido tanto, no cárcere e no exílio, retorna também Francisco, retorna a fim de vestir a farda do seu pai...

"O Hussardo da Morte" é uma das mais impressionantes narrativas até aqui publicadas por Epopéia. Para a vitória absoluta do nosso próximo número, reunimos três fatores essenciais: o enrêdo de "O Hussardo da Morte", os desenhos de Capriole e a capa de Antônio Euzébio. Outras narrativas completarão a próxima edição de Epopéia, que os leitores não devem perder, de maneira alguma.

Roteiro para o Leitor

FENÍCIA

Na seqüência empolgante dos episódios de "Fenícia", sobressai-se a figura do generoso Hiram, ao lado do destemido menino Dorion e do próprio irmão daquele, Melkart, a quem a cobiça tanto fêz sofrer. Mas, a narrativa é simbólica, e tem por objetivo principal assinalar uma certa lenda relacionada com a descoberta da obtenção da púrpura — talvez a mais importante causa da prosperidade do povo fenício.

É a púrpura uma tinta de belíssima tonalidade, variando entre o escarlate e o violeta avermelhado. Mais comumente, o nome de púrpura é dado à côr escarlate escuro, provindo o nome do latim "purpura", denominação dada pelos romanos a um determinado molusco gasterópodo de que se serviam os manufaturadores de Tiro (cidade fenícia) para obter a respectiva substância corante.

Tratando-se de matéria-prima de grande raridade, a púrpura foi usada durante muitos séculos para tingir os mantos dos imperadores, dos reis e dos príncipes, de onde a expressão célebre "nascido na púrpura", para designar a ascendência nobre de alguém. Na Igreja Católica, "elevar à Púrpura" eqüivale a "elevar ao Cardinalato". Originàriamente obtida de um molusco, o qual era conhecido desde os tempos de Plínio, a púrpura é hoje substituída pela cochonilha (inseto hemíptero de que se extrai idêntica substância corante).

SOB O SIGNO DO LEÃO DE SÃO MARCOS

A grande importância do canal de Suez está no fato de que sua construção veio possibilitar mais rápidas e mais seguras comunicações entre os portos da Europa e os da Ásia, com grande redução do tempo de viagem. Tendo-se intensificado extraordinàriamente o seu comércio com os ricos centros produtores ou consumidores do Oriente, as ativas potências interessadas nisso tiveram de enfrentar o problema da concorrência: cada qual procurava colocar no mercado as mercadorias transportadas de longes terras, mas aos preços o mais baixo possível, em relação aos dos competidores. E, para isso, os gastos com o transporte tinham de ser reduzidos ao mínimo. Ora, com as primeiras grandes descobertas marítimas, novos itinerários passaram a ser percorridos, e as viagens que muitos mercadores empreendiam por meio de caravanas demoradas e dispendiosas — através de regiões hostis e assoladas por salteadores — passaram a ser feitas por mar. É nessa ocasião que ocorre aos administradores da então próspera República de Veneza a idéia de abertura de um canal que — cortando o istmo de Suez — estabelecesse comunicação do Mar Mediterrâneo com o Mar Vermelho, o que encurtaria sobremaneira a distância entre a Europa e o Oriente. A idéia não era nova, pois o faraó Ramsés II já a pusera em prática, mandando ligar o delta do rio Nilo ao Mar Vermelho; as escavações, no entanto, ficaram longo tempo em desuso, e foram entulhadas pelas areias do deserto, impelidas pelo vento. Nessas condições é que as encontra mais tarde o rei Dario I, da Pérsia, o qual — compreendendo a importância da obra — determina a remoção das areias que entulham o canal. Séculos depois, os árabes, empenhados na conquista do Egito, levam seus navios ao longo da passagem, que anos depois, todavia, está de novo obstruída.

Em 1849, o francês Fernando De Lesseps inicia cuidadosos estudos para a construção de um canal definitivo, conseguindo interessar no assunto o próprio "Kediva" do Egito, Said Pachá. Obtida a necessária permissão do Govêrno turco, que dominava o país, as obras tiveram comêço no dia 25 de abril de 1859, sendo o canal franqueado à navegação, nos dois sentidos, no dia 17 de novembro de 1869.

É de uma tentativa frustrada de abrir uma passagem através do istmo de Suez que a presente história nos dá notícia, mostrando as razões pelas quais foram a isso levados os venezianos, cujas emprêsas se faziam sempre sob o signo do Leão de São Marcos — o símbolo da rica República.

Fenícia

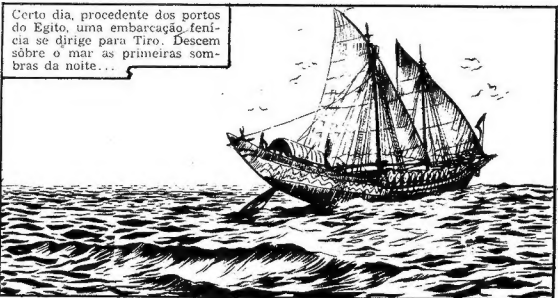
★

DESENHO DE FERRARI

★

Século XII, antes da era cristã. Entre as brisas do Mediterrâneo e as encostas do Líbano, em uma estreita faixa de terra chamada Fenícia, vive um laborioso povo constituído de hábeis artífices e intrépidos navegadores. Tendo fundado Tiro — um próspero empório comercial — os fenícios centralizam ali as suas atividades principais, recebendo ou enviando caravanas e frotas mercantes às mais longínquas regiões do mundo conhecido.

O pôrto está sempre em borborinho, e o mercado fervilha com a multidão formada de gente de tôda parte....

Certo dia, procedente dos portos do Egito, uma embarcação fenícia se dirige para Tiro. Descem sôbre o mar as primeiras sombras da noite...

E, a bordo...

MELKART, IRMÃO MEU, DENTRO EM POUCO VOLTAREMOS A ABRAÇAR O VELHO PAI! NÃO ESTÁS CONTENTE?

MAIS ESTARIA, HIRAM, SE NÃO TIVESSES TIDO A IDÉIA TOLA DE TRAZERES AQUÊLE MENINO!

O menino a que se refere Melkart é Dorion, o filho de um mercador fenício, e que, com a morte do pai, na inóspita terra do Egito, ficara ao desamparo. Hiram generosamente o reconhera, embarcando-o e levando-o de volta à terra natal. Melkart, no entanto, censura a bondade do irmão. E os dois estão argumentando...

DIANTE DO TEMPLO DE ASTARTÉIA ESTÁ ESCRITO: "O CÉU SORRI ÀQUELES QUE AMPARAM OS FRACOS". NÃO PODÍAMOS DEIXAR O MENINO, LÁ LONGE, ASSIM, SOZINHO!

TENS RAZÃO! MAS, QUEM TOMARÁ CONTA DÊLE, AGORA?

...quando o vigia grita...

HOMEM AO MAR!

LÁ ESTÁ UM NÁUFRAGO! VAMOS SALVÁ-LO!

POR QUE? NADA TEMOS A VER COM ISSO! TEMOS DE NOS APRESSAR A FIM DE QUE ATINJAMOS O PÔRTO ANTES QUE A NOITE CAIA...

Mas Hiram é generoso. É daqueles que não hesitam, um instante sequer, diante do sacrifício da própria vida em favor do próximo. Enquanto seu irmão permanece indiferente, êle se atira às águas...

O menino Dorion, porém, se aflige...

HIRAM! HIRAM!

ACALMA-TE, MENINO! ÊLE SABE O QUE FAZ... SAIR-SE-Á BEM...

...mas Hiram é bom nadador, e...

RESISTI, Ó ANCIÃO! VOU SALVAR-VOS!

...pouco depois...

UMA CORDA! ATIRAI UMA CORDA!

E, já a bordo...

ÊLE PERDEU OS SENTIDOS... MAS ESTÁ VOLTANDO A SI.

O ancião volta a si, finalmente. Parece muito agitado.

OS PIRATAS... DO ABIDO... DESTRUIRAM TUDO... O PAPIRO... ONDE ESTÁ... ONDE ESTÁ?...

Enquanto isso, as trevas da noite haviam caído sôbre o mar. O náufrago se mostra aflito, mas...

É ISTO O QUE PROCURAIS, Ó ANCIÃO? ESTAVA CONOSCO!

O MEU TESOURO! GRAÇAS! GRAÇAS, Ó MEU SALVADOR! QUE OS DEUSES TE SEJAM PROPÍCIOS!

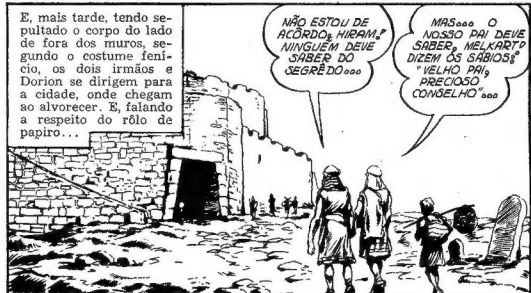
Dorion avista, ao longe...

OS FOGOS DO PÔRTO, HIRAM! ESTAMOS CHEGANDO!

...as luzes que assinalam o pôrto de Tiro

Nisso, o ancião tem um sobressalto, e...

O ORÁCULO... O ORÁCULO PREDISSE... "QUANDO OS OLHOS DE UM MENINO VIREM... VIREM OS FOGOS DE TUA ÚLTIMA NOITE... A ÊLE CONFIARÁS A MENSAGEM DA FELICIDADE".

...entrega o rôlo de papiro a Dorion.
É TEU, MENINO! SERÃO TUAS, AS RIQUEZAS AQUI INDICADAS.
Melkart, que até então assistira à cena indiferentemente, ao gesto do ancião se inclina sôbre êle, mas é repelido com energia...
DE QUE RIQUEZAS ESTÁS FALANDO, Ó HOMEM?
NÃO O APOQUENTES, MELKART! ÊLE ESTÁ MORRENDO...
Num derradeiro esfôrço, o náufrago faz outra revelação misteriosa.
O "VELHO DAS ESTRÊLAS"... AQUÊLE QUE LÊ NAS AREIAS DO DESERTO... PROCURAI-O!
ESHMUNI, O DEUS DO MAR, APODEROU-SE DO SEU ESPÍRITO...
E ÊLE NEM PÔDE EXPLICAR AS MISTERIOSAS PALAVRAS...
O navio fundeia nas águas do pôrto de Tiro.
Desembarcando, os viajantes vão até certo ponto da costa, e, ao murmúrio das ondas que beijam a parda costa fenícia, na noite tépida, unem-se suas palavras ciciadas numa prece... Tal é o rito fúnebre com que Hiram e os companheiros encomendam à divindade da morte o espírito do desconhecido.
E, mais tarde, tendo sepultado o corpo do lado de fora dos muros, segundo o costume fenício, os dois irmãos e Dorion se dirigem para a cidade, onde chegam ao alvorecer. E, falando a respeito do rôlo de papiro...
NÃO ESTOU DE ACÔRDO, HIRAM! NINGUÉM DEVE SABER DO SEGRÊDO...
MAS... O NOSSO PAI DEVE SABER, MELKART! DIZEM OS SÁBIOS: "VELHO PAI, PRECIOSO CONSELHO"...
É comovedor o encontro do afetuoso Hiram com o velho pai...
HIRAM! APERTA-ME DE ENCONTRO AO CORAÇÃO!
Hiram apresenta ao pai o pequeno Dorion, narrando o que se passara. Os límpidos olhos do menino se encontram com o olhar brando do ancião...
HIRAM! SEMPRE COM O TEU CORAÇÃO GENEROSO! "COMO A SEMENTE DO TRIGO, ASSIM É O BEM: DÁ COPIOSAS COLHEITAS"... E TU, MENINO, ÉS BEM-VINDO À MINHA CASA!

Melkart se comporta friamente. Suplantando, no seu coração, o afeto devido ao venerando pai, empolga-o a cobiça despertada pelas palavras misteriosas do náufrago...

E TU, MELKART? NADA DIZES AO TEU VELHO PAI?

QUE OS DEUSES TE SEJAM PROPÍCIOS, SENHOR!

No acolhedor ambiente do lar paterno, tantas vezes sonhado entre os perigos do mar, fala-se da viagem e do estranho episódio acontecido quando estavam prestes a chegar..

... E, ASSIM DIZENDO, O NÁUFRAGO MORREU!

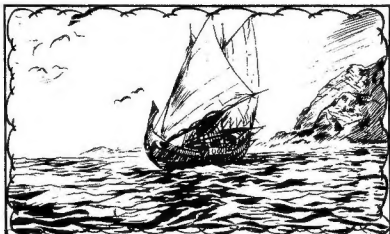
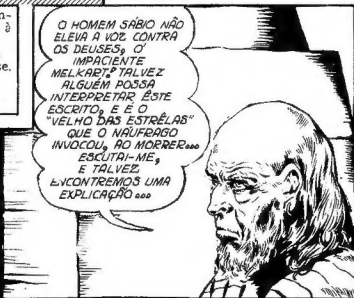
É ÊSTE O PAPIRO?

MAS ESTÁ MOLHADO! AINDA ESTARÁ LEGÍVEL?

PODE-SE VER O QUE ESTÁ ESCRITO... MAS... SÃO CARACTERES DESCONHECIDOS!

NÃO SABEREMOS, POR CONSEGUINTE, DE MAIS NADA? OS DEUSES NOS SÃO HOSTIS!

No ansioso silêncio que se segue à desrespeitosa exclamação de Melkart, eleva-se, calmamente, a voz de seu velho pai...

O HOMEM SÁBIO NÃO ELEVA A VOZ CONTRA OS DEUSES, Ó IMPACIENTE MELKART! TALVEZ ALGUÉM POSSA INTERPRETAR ÊSTE ESCRITO, E É O "VELHO DAS ESTRÊLAS" QUE O NÁUFRAGO INVOCOU, AO MORRER... ESCUTAI-ME, E TALVEZ ENCONTREMOS UMA EXPLICAÇÃO...

Certa vez, quando escuros eram ainda os meus cabelos, e forte o meu braço, voltava eu com o meu navio carregado de mercadorias preciosas, do longínquo país de Ofir.. "

"Havia três dias navegava em mar alto, quando vi no horizonte dois navios, próximo um do outro. Num dêles distingui, com viva preocupação, os sinais característicos dos piratas de Sidon!"

"Compreendi que se tratava de um ato de pirataria e, sem hesitação, aproei meu barco para lá, em socorro do que estava em perigo. Preparei meus homens para o combate..."

"...que não tardou em ganhar distância..."

...que, após a abordagem, se feriu com violência! E minha intervenção foi eficiente! Depois de breve luta, os piratas, surpreendidos pela nossa chegada inesperada, abandonaram a prêsa e confiaram aos bons ventos a salvação da própria nave..."

"Foi com alegria que nos recebeu o comandante do navio assaltado! Nos porões — informou êle — levava tôdas as suas riquezas... Apesar de instado para isso, não aceitei recompensa alguma. A generosidade não exige paga..."

"Velejamos lado a lado até o pôrto de destino. Naqueles longos dias de plácida navegação, eu e o comandante do outro navio sempre conversávamos. E foi assim que êle me falou a respeito de um certo "Velho das Estrêlas"..."

...ÊLE SABIA MUITAS COISAS A RESPEITO DAQUELE SER MISTERIOSO, E DO MUITO QUE ME CONTOU, A MINHA POBRE MEMÓRIA DE VELHO JÁ ESQUECEU. SÓ ME RECORDO DISTO: "SE UM DIA ESTIVERES NECESSITANDO DE MIM, PROCURA-ME EM BIBLOS, NO QUARTEIRÃO DOS JARDINS..."

Melkart fica ansioso para partir com destino a Biblos!

QUE TANIT CONSERVE A TUA VIDA, Ó SENHOR! JÁ QUE TE NÃO CONSERVOU A MEMÓRIA! NÃO NOS RESTA SENÃO PARTIR, ENTÃO!" E... SEM DEMORA, PARA BIBLOS, SE QUISERMOS TER NOTÍCIAS DO ANCIÃO MISTERIOSO...

EU TAMBÉM VOU, HIRAM! LEVA-ME CONTIGO!

O PAPIRO É TEU, DORION! MAS, TU ÉS UM MENINO, E ESTA É UMA EMPRÊSA DE HOMENS FEITOS!

DÊLE? O PAPIRO? É NOSSO! NÓS TÍNHAMOS RECOLHIDO O MENINO... NÓS RECOLHEMOS O NÁUFRAGO!

MAS... FOI HIRAM QUEM SOCORREU O NÁUFRAGO! TU, MELKART, NÃO QUERIAS QUE SALVÁSSEMOS O ANCIÃO!

GRAVE É A VOSSA IMPETUOSIDADE, Ó FILHOS... "O HOMEM PRUDENTE PREPARA, EM CALMA, OS SEUS EMPREENDIMENTOS"...

O perverso coração de Melkart está fechado às serenas palavras do pai, e abriga negros propósitos. Sôbre o dia de agitação, cai, por fim, a sombra da noite, e a cidade de Tiro se entrega ao repouso...

É tarde. Mas, na casa do pai de Hiram, onde todos estão adormecidos, alguém vela...

É Melkart...

...que põe em execução um plano longamente meditado: êle se apossa do papiro, e está pronto para partir sòzinho...

Mas, antes, êle se precavém, para que não possam persegui-lo...

E no silêncio da noite, ressoa, nas ruas de Tiro, o ruído de uma biga, em louca disparada.

As sentinelas, nos seus postos, não sabem explicar o que seja aquilo...

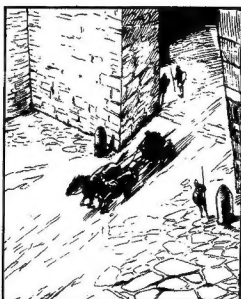
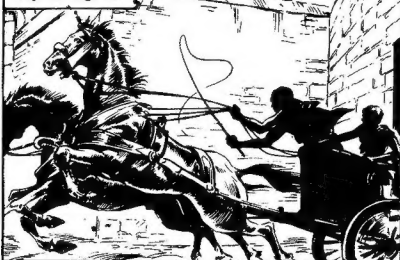
A estranha correria levanta suspeitas, e os guardas dão alarma na cidade. O brado se espalha imediatamente, ecoa nas vielas e chega, afinal, até à casa de Hiram...

QUANTO ALARIDO ESTA NOITE! QUE ACONTECE?

Nisso...

HIRAM! HIRAM! O PAPIRO DESAPARECEU! NÃO ESTÁ MAIS ALI!

VAI APANHAR AS MINHAS VESTES! VOU ATRELAR O CARRO! TEMOS DE IR À PROCURA DE MELKART! FOI ÊLE!

Em outra biga, Hiram e Dorion partem velozmente no encalço do fugitivo!

Que indomável fôrça malfazeja tem a violenta ambição, quando domina a mente de alguém! Tal é a cobiça de Melkart em se apossar de uma riqueza que lhe não pertence, que não hesitara em pôr em perigo a vida do próprio irmão, estragando-lhe o carro! Com o eixo danificado, traiçoeiramente, por Melkart, uma roda se desprende, e a biga se desconjunta e tomba!

HIRAM! HIRAM!

Hiram fica ferido gravemente. Ao amanhecer, levam-no para casa. Dorion, ainda não refeito do susto, está ao seu lado...

Lá pelo meio do dia chega Neskart, um bom amigo de Hiram. Está ansioso por saber, ao certo, o que se passara...

HIRAM! QUE TE ACONTECEU?

A narrativa do acontecido interessa vivamente a Neskart; êle sabe encontrar palavras serenas, que consolam o coração do amigo. Êle o conforta e censura a atitude perversa de Melkart.

E AGORA? QUE FAREI?

NÃO TE PREOCUPES, HIRAM! SE MINHA AMIZADE TE SERVIR DE CONSÔLO, PODES CONTAR COMIGO!

OUVI O TEU DESESPÊRO, FILHO! MAS DEVES FICAR TRANQÜILO! TU CHEGARÁS AO "VELHO DAS ESTRÊLAS"! EU MESMO TE INDICAREI O CAMINHO...

MAS... COMO SERÁ ISSO POSSÍVEL, MEU PAI?

EU ME LEMBRO PERFEITAMENTE DO QUE SOUBE A RESPEITO, E SEI ONDE SE ENCONTRAR O MISTERIOSO PERSONAGEM! SE TARDEI EM DIZER-VOS ISSO, É PORQUE O "SÁBIO AMADURECE OS SEUS PENSAMENTOS ANTES DE FALAR"...

SENDO ASSIM, PARTIREI LOGO QUE PUDER!

"O AMIGO SEGUE O AMIGO"... IREI CONTIGO!

É VERDADE QUE IREI TAMBÉM CONTIGO, HIRAM?

"A INOCÊNCIA SEMPRE ACOMPANHA A FÔRÇA"? HIRAM, ÊLE IRÁ TAMBÉM!

Entrementes, Melkart...

..depois de uma longa viagem, chega a Biblos, quando o sol já vai alto. Êle está à procura do amigo referido por seu pai, o que tantas coisas sabia a respeito do "Velho das Estrêlas"...

Melkart percorre as ruas de Biblos, informando-se com um e com outro...

Ó, TU! SABES DIZER-ME ONDE FICA A CASA DE BLANOS, O MERCADOR?

NO FIM DESTA RUA, FORASTEIRO! DEPOIS DO POÇO, AO LADO DOS JARDINS, FICA A CASA DAQUELE A QUEM PROCURAS...

Mas... uma informação decepcionante abate, de um só golpe, a louca ambição de Melkart!

...SIM, Ó FORASTEIRO, ESTA FOI A CASA DE BLANOS, O MERCADOR, MAS FAZ TEMPO QUE OS DEUSES ACOLHERAM O SEU ESPÍRITO...

MORTO?

A incerteza e o temor dêle se apoderam! Poderia retornar à casa paterna, onde encontraria o perdão, mas um falso orgulho impede a humilhação do regresso. Que irá fazer agora?

Melkart se desorienta. Decepcionado e aflito, êle vaga sem destino pelas ruas da cidade desconhecida... E uma nova preocupação agora o angustia. No açodamento da fuga, esquecera a bôlsa do dinheiro. Justamente o sábio diz: "Sôbre a árida praia da maldade são freqüentes as ondas do infortúnio".

Cansado, sem saber o que fazer, Melkart chega à movimentada praça do mercado, onde dois malfeitores o espreitam...

OLHA, HALEM! AQUÊLE FORASTEIRO... ESTÁ BEM VESTIDO... TALVEZ SEJA RICO E... DESORIENTADO...

... E QUE BELOS CAVALOS TEM! VAMOS COM CAUTELA!

NOBRE FORASTEIRO, ESTA ESTATUETA SANTA FICARÁ MUITO BEM NA TUA BELA MORADA...

ADMIRA ÊSTE VASO PRECIOSO! FAR-TE-Á LEMBRAR, ALGUM DIA, DE HALEM, DE BIBLOS O MERCADOR QUE TUDO SABE E TUDO PODE...

AFASTAI-VOS! NÃO QUERO NADA! TENHO MAIS EM QUE PENSAR!

Mas um pensamento súbito ocorre ao jovem. Não existiria na cidade um sábio capaz de decifrar o misterioso papiro? Talvez tal mercador que "tudo sabe e tudo pode" lhe saiba dar uma indicação preciosa. Melkart o interroga.

ESCUTA! DIZE-ME, Ó MERCADOR! EU PROCURO ALGUÉM GRANDEMENTE SÁBIO QUE POSSA AUXILIAR-ME COM A SUA CIÊNCIA... PODERÁS AJUDAR-ME A ENCONTRÁ-LO?

ÉS UM VENTUROSO, NOBRE FORASTEIRO! **EU** TE AJUDAREI!

FORA DOS MUROS DA CIDADE, PERTO DO TEMPLO DE ASTARTÉIA, MORA UM GRANDE SÁBIO, CÉLEBRE E RESPEITADO... DEPOIS DO CAIR DO SOL, O MEU AMIGO PODERÁ LEVAR-TE...

ACEITO. ESPERAREI O TEU AMIGO, AO ANOITECER... QUE OS DEUSES TE SEJAM PROPÍCIOS!

E, quando Melkart se afasta...

HOJE, Ó HALEM, FICAREMOS RICOS!

DEIXOU-SE ILUDIR, O TOLO ESTRANGEIRO!

Fora dos muros de Biblos ergue-se o templo de Astartéia. E...

...ao anoitecer, Melkart se apressa a ir em direção ao templo, guiado pelo mercador

LÁ EM CIMA, NO FIM DO CAMINHO, ESTÁ O TEMPLO DE ASTARTÉIA! O SÁBIO ESTÁ LÁ...

UM GRITO! QUE ESTARÁ ACONTECENDO?

OH... DEVE SER O MÔCHO SAGRADO DO TEMPLO! VEM, FORASTEIRO! NÃO TE DEIXES VENCER PELOS TEMORES...

Ao se aproximarem do templo...

AGORA, NOBRE FORASTEIRO, ESPERA-ME AQUI. CORRO A ANUNCIAR-TE AO SÁBIO DO TEMPLO. NÃO TE MOVAS!

NÃO COMPREENDO... NÃO ESTOU TRANQUILO... SERÁ POR QUE ME PREOCUPO COM HIRAM E MEU PAI?... MAS... ÊSTES RUMORES... AQUELAS SOMBRAS...

De repente . .

NÃO TE MOVAS!

DERRUBAI-O!

REVISTAI-O BEM!

VAMOS VER O OURO!

AH! ÉS TU, HEIN? PRESSENTI TUA TRAIÇÃO!

SÓ ENCONTRO ÊSTE PAPIRO, SENHOR! NÃO TEM DINHEIRO!

UM PAPIRO? DE QUE NOS SERVE? FICA COM ÊLE, FORASTEIRO! NÊLE PODERÁS ESTUDAR OS MEIOS DE SALVAÇÃO!

ÊLE NÃO TEM DINHEIRO... MAS TEM OS CAVALOS! AS ROUPAS! E TEM... A SI PRÓPRIO! PODEREMOS VENDÊ-LO COMO ESCRAVO À CARAVANA DE ASRUM, O EGÍPCIO, POR BOM DINHEIRO... LEVAI UM CAVALO E O CARRO E VOLTAI! EU, COM O OUTRO CAVALO PROSSEGUIREI COM O PRISIONEIRO!

Tendo cedido um dos cavalos para os cumplices, o chefe dos salteadores leva Melkart montanha acima

AGORA QUE ME ROUBASTE, PARA ONDE ME LEVAS, Ó TRAIDOR? NÃO TEMES A IRA DOS DEUSES?

CONTÉM TUA LÍNGUA, Ó ESCRAVO! E APRENDE, COM O CHICOTE, A CORRER E A CALAR... DEIXA EM PAZ OS DEUSES, ONDE ESTÃO... NÃO OS TEMO!

O mercador não teme os deuses! Melkart desejaria dizer-lhe que êle próprio também não os temera. A ambição o cegara. E, agora, via-se castigado .

Depois de longa caminhada...

À ROCHA BRANCA SÓ CHEGAM OS QUE SÃO AMIGOS DE ASRUM, O EGÍPCIO! QUEM ÉS TU?

HALEM ENVIA-ME A TEU AMO. QUERO QUE ME LEVES A ÊLE!

Melkart compreende que vai ser entregue aos mercadores de escravos.

Na tenda de Asrum...

PODEROSO ASRUM! EIS UM ESCRAVO QUE HALEM TE MANDA. QUANTO PAGARÁS POR ÊSTE?

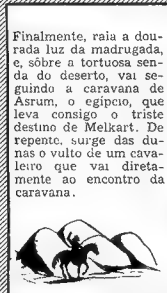
ASRUM ADQUIRE AQUILO QUE SOLICITOU! TODAVIA...

...NÃO PAGO O ESCRAVO E FICO COM ÊLE! E TU PODES PARTIR JÁ, MÍSERO LADRÃO!

Os malfeitores não hesitam, quando se trata de iludir um ao outro . Depois de expulsar o salteador, Asrum dá ordem de partida.

AS TREVAS SE ADENSAM! TODOS DE PÉ! ESTAMOS DE PARTIDA!

Favorecida pelas trevas, da noite, a caravana de Asrum viaja para as regiões do Nascente E, com ela, Melkart, marcha para um destino desconhecido. E o papiro, que êle conserva sob as pobres vestes de escravo, lembra-lhe o lar distante, os seus, a tranqüilidade perdida no delito que praticara .. Sob as estrêlas do deserto, a dor que o consome encontra alívio nas lágrimas de arrependimento E Melkart soluça, desesperado Enquanto isso, a extensa fila de homens e de animais prossegue...

Finalmente, raia a dourada luz da madrugada, e, sôbre a tortuosa senda do deserto, vai seguindo a caravana de Asrum, o egípcio, que leva consigo o triste destino de Melkart. De repente, surge das dunas o vulto de um cavaleiro que vai diretamente ao encontro da caravana.

A um gesto de Asrum, a caravana se detém...

QUE ANÚBI TE PROTEJA, Ó ASRUM! O SOL PARA TI HOJE É BENÉFICO, PORQUE TE TRAGO UMA AGRADÁVEL NOTÍCIA...

E QUE OSIRIS SORRIA AOS TEUS DIAS, OTIS FIEL!

..enquanto o cavaleiro se aproxima.

FALA, POIS!

É um dos espiões de Asrum..

AO SURGIR DA NOVA LUA REALIZAR-SE-Á NO TEMPLO DE AMON A GRANDE FESTA DO DEUS. PARA ASSISTÍ-LA, CHEGARÁ DA ÍNDIA A RIQUÍSSIMA COMITIVA DO PRÍNCIPE KAMPUR...

Diante do conselho dos chefes, imediatamente reunido, o espião dá outros informes...

... EU MESMO VI O FAUSTO E A MAGNIFICÊNCIA DA SUA CARAVANA, E POSSO ASSEGURAR QUE SERÁ UMA RICA PRÊSA!

PRECIOSA NOTÍCIA, OTIS! PENSO QUE TODOS APROVARÃO ÊSSE PLANO!

Estando casualmente perto da tenda dos chefes, Melkart apura o ouvido.

... SIM, PODEROSO CHEFE. MAS, ESQUECEU O PRISIONEIRO! QUE FAREMOS DÊLE?

MATEMO-LO! PELO PREÇO QUE CUSTOU, NÃO TEREMOS PREJUÍZO...

ERA ISSO QUE PENSAVA, MAS CREIO QUE O VENDEREMOS PELO CAMINHO...

Enquanto Melkart, transtornado por êsses acontecimentos, paga por sua perversidade, seu irmão Hiram, com o amigo Neskart e o pequeno Dorion navegam para a terra de Cirene, em busca do "Velho das Estrêlas". Hiram tem por guia as informações e a benção de seu bondoso pai...

QUANDO CHEGAREMOS A CIRENE?

COM OS VENTOS FAVORÁVEIS, AO AMANHECER DO DÉCIMO DIA ESTAREMOS DESEMBARCANDO.

DISCURSOS PREMATUROS, AMIGOS! OBSERVAI, ENTRETANTO, COMO O CÉU ESTÁ ESCURECENDO...

A TEMPESTADE SE APROXIMA!

EU TOMO CONTA DO LEME! NESKART CUIDA DE DORION!

Mas a tempestade se desencadeia rápida e violenta, antes que os homens possam fazer as manobras necessárias! Dorion perde de vista os amigos, e agarra-se, desesperado, ao mastro!

Seguem-se longas horas de luta com os elementos em fúria...

Mas a tempestade cessa...

... e, depois de alguns dias mais, aporta o barco na terra de Cirene

Em companhia de Neskart e de Dorion, o jovem Hiram desembarca e vai na direção do que lhes parece uma fortaleza...

OLHAI... LÁ EM CIMA!

Na tépida noite da região, uma gruta serve de abrigo aos três viajantes. Sôbre a fantástica visão aparecida entre as brumas da noite, desce o véu de um sono plácido e restaurador, animando as suas esperanças. Ao amanhecer...

OLHAI! NÃO É UMA EDIFICAÇÃO...

MAS... HIRAM! NÃO ACHAREMOS O "VELHO DAS ESTRÊLAS"?

O SÁBIO DIZ: "O ÂNIMO DO VALENTE NÃO CONHECE O DESENCORAJAMENTO".

OUTRO SÁBIO ACRESCENTA: "E NUNCA PERDE O SEU SORRISO".

Nisso...

FALASTES COM SABEDORIA, Ó ESTRANGEIROS! QUEM SOIS E POR QUE ME PROCURAIS?

Os três se assustam! Fixam o olhar na direção de onde partira a voz...

. . . e distinguem a altiva figura de um ancião, que, com a mão direita, lhes indica um barco encostado entre os caniços.

Os recém-chegados tomam o barco e. . .

HIRAM, SERÁ AQUÊLE, O "VELHO DAS ESTRÊLAS"?

NÃO OUSO CRER QUE SEJA...

PELO CONTRÁRIO, EU ESTOU CERTO DE QUE É!

PROCURAIS, ENTÃO, PELO "VELHO DAS ESTRÊLAS"? EM QUE VOS POSSO SERVIR? EU SOU O "VELHO DAS ESTRÊLAS!

APROXIMAI-VOS... NÃO TEMAIS!

na outra margem, Hiram fala ao desconhecido a resp dos acontecimentos que o levaram até ali.

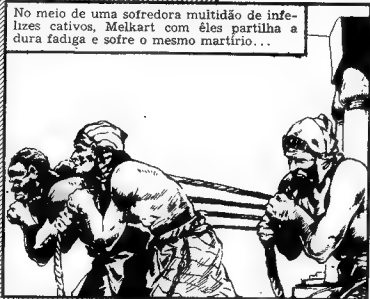
... E FOI POR ISSO, Ó SÁBIO, QUE EMBARCAMOS À TUA PROCURA.

E ENTÃO VIESTE ATÉ AQUI SEGUINDO A MIRAGEM DA FELICIDADE, PERMITINDO QUE TEU IRMÃO SE PERDESSE NA ESTRADA DO MAL?

QUE DEVERIA TER FEITO, ENTÃO?

NENHUMA OFENSA PODE MATAR O AMOR NUM CORAÇÃO GENEROSO! TEU IRMÃO TE OFENDEU? MAS EU TE DIGO QUE NÃO ALCANÇARÁS O TEU SONHO DE FELICIDADE ANTES QUE O SALVES!

Enquanto no coração de Hiram, iluminado pelas sábias palavras do ancião, nasce o propósito de ir em socorro de Melkart, êste geme na escravidão, nas pedreiras do Faraó, a quem fôra vendido por Asrum, o egípcio. . .

No meio de uma sofredora multidão de infelizes cativos, Melkart com êles partilha a dura fadiga e sofre o mesmo martírio...

...que é aumentado, sem piedade, a todo instante, sob o látego do feitor...

E a noite, ao invés de trazer alívio e repouso, aumenta a angústia do desconfôrto...

...Certa noite chega até as sombrias masmorras dos escravos o éco alegre de uma festa que se realiza nos jardins do Faraó.

CANTOS... UMA FESTA! TAMBÉM NA MINHA CASA, CERTO DIA...

Eis que as vozes e os ruídos da festa se transformam em profundo silêncio. Então, a um sinal do Faraó, a voz dos cantores se eleva melodiosa, espraia-se na quietude noturna e chega aos ouvidos dos escravos. Um dos cantores, agora, está narrando a história de um rei do Oriente, sedento de poder..

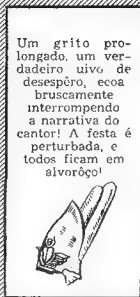
. . e o cantor entoa os versos . .

...E UM DIA, CANSADO DE PARTILHAR O REINO COM O IRMÃO, MATA-O! REINO, RIQUEZA, PODER, TUDO FOI SEU...

"...MAS DESDE AQUÊLE MOMENTO, A ANGÚSTIA DO REMORSO SE APODEROU DO SEU CORAÇÃO... DEBALDE PROCURAVA REPOUSO DURANTE A NOITE, ALEGRIA NAS FESTAS, VENTURA NO OURO... ESTAVA IRREMEDIÀVELMENTE SÓ..."

"...DECIDIU ENTÃO PROCURAR, NOS CONSELHOS DOS SÁBIOS DO REINO, UM REMÉDIO PARA O SEU DESESPÊRO... DO ORIENTE E DO OCIDENTE VIERAM OS SÁBIOS, MAS NENHUM PODIA CURAR O SEU MAL..."

"...E ENTÃO SUCUMBIU. COMO A VIDA ERA UM TORMENTO INCURÁVEL, DECIDIU REFUGIAR-SE ENTRE AS TREVAS DA MORTE..."

"...VIU-O UM PASTOR, DE CORAÇÃO SERENO, QUE PASSAVA OS SEUS DIAS FELIZES NO ESPLENDOR DA SIMPLES E GRANDIOSA CÔRTE DA NATUREZA. DETEVE-O COM UM GESTO E AS PALAVRAS: "INFELIZ, SEJA QUAL FÔR A DOR QUE TE DILACERA, SABE QUE OS DEUSES NÃO ABANDONAM AQUÊLES QUE PROCURAM CONFÔRTO!" ...AQUELAS PALAVRAS, O INFELIZ REI..."

Um grito prolongado, um verdadeiro uivo de desespêro, ecoa bruscamente interrompendo a narrativa do cantor! A festa é perturbada, e todos ficam em alvorôço!

O Faraó fica enfurecido .

QUEM GRITOU?

O GRITO VEIO DO LADO ONDE ESTÃO OS ESCRAVOS! DEVE SER UM MÍSERO CATIVO, Ó GLORIOSO FILHO DO SOL! FAREI COM QUE O PROCUREM E O AÇOITEM ATÉ SANGRAR!

... e os algozes não se fazem esperar! ...

Melkart, meditando sôbre a semelhança da triste história narrada pelo cantor, não se contivera, e havia gritado. Quando morrem os últimos ruídos da festa, a paz e o silêncio retomam o seu império. Só a um canto, um escravo, com sinais de feroz flagelação, chora. É Melkart. Mas não chora pelas dores que está sentindo, porque no seu espírito estão bem nítidas as palavras ouvidas pouco antes: "Os deuses não abandonam aquêles que procuram confôrto!" A esperança volta ao seu coração infeliz. Melkart chora de arrependimento...

A noite continua, linda e serena...

Melkart não sabe que, longe dali, no bosque do "Velho das Estrêlas", estão se ultimando os preparativos para seu resgate. Com justeza o sábio adverte: "Quem sofre, não se desespere. Sempre há alguém que nêle pensa"

AS TUAS PALAVRAS SENSATAS, Ó ANCIÃO, ME DESPERTARAM! MAS, COMO PODEREI ACHAR O MEU DESVENTURADO IRMÃO?

EU TE AJUDAREI!

SERÁS, PORVENTURA, UM MAGO?

NÃO SOU UM MAGO, DORION, MAS UM HOMEM QUE CONHECE A NATUREZA E SABE USAR OS SEUS DONS. VÊS ÊSTES POMBOS? ÊLES ACHARÃO MELKART!

Eis o recurso de que se vale o ancião: uma revoada de pombos, que partem para tôdas as plagas do Egito levando uma urgente mensagem pedindo que se procure Melkart. Chegarão, em rápido vôo, até onde estão os amigos com que conta o "Velho das Estrêlas". É um homem bom e sábio como êle tem muitos amigos...

Longe dali, nos arredores de Heliopolis, no Egito médio, um artífice está entregue à sua faina, quando...

UM POMBO! NOVA MENSAGEM DO "VELHO DAS ESTRÊLAS"!

De fato, a mensagem estava prêsa na perna da ave...

O artífice segura o pombo e lê com atenção a mensagem...

... que está escrita em fenício, que só os amigos fiéis do velho conhecem.

O artífice mostra a mensagem a alguns amigos de confiança...

...E O SÁBIO TERMINA DIZENDO QUE CERTAMENTE O JOVEM CAIU NAS MÃOS DE MERCADORES DE ESCRAVOS. NATURALMENTE O VENDERAM...

EXATAMENTE AO NASCER DA ÚLTIMA LUA CHEGOU UM NOVO CARREGAMENTO DE ESCRAVOS PARA OS SERVIÇOS DO PALÁCIO DO FARAÓ!

OH, GEB! A VIGILÂNCIA É RIGOROSÍSSIMA!

PODEREI EU IR, SENHOR? NINGUÉM ME PERCEBERÁ!

FALASTE BEM, EDOR! A TUA IDADE NÃO LEVANTARÁ SUSPEITAS ENTRE OS GUARDAS!

Edor, o menino egípcio, é corajoso. Com o consentimento de seu senhor, parte para o local onde trabalham os escravos do Faraó, na ereção de um grande obelisco ..

CERTAMENTE, ALTO E FORTE COMO ÉS, COM UM OLHAR ASSIM TERRÍVEL, DOMINAS MIL ESCRAVOS!

SIM, MENINO! CONTRA MIM NINGUÉM SE ATREVE! MAS QUE CALOR ESTÁ FAZENDO HOJE!

VOU TRAZER-TE UM POUCO D'ÁGUA... É DAQUELE POÇO?

NA VERDADE, É PROIBIDO... MAS COM A MINHA PERMISSÃO NINGUÉM TE DIRÁ NADA.

Conquistada assim a confiança do feitor, Edor transita livremente entre os escravos, procurando, disfarçadamente, Melkart. Um dos cativos lhe dá uma informação .

LÁ ESTÁ ÊLE! VEIO DE TIRO! POSSÌVELMENTE É AQUÊLE A QUEM PROCURAS!

Edor se dirige ao lugar indicado, e. . encontra Melkart que, sabedor agora de que alguém prepara a sua libertação, sente inundar-se-lhe o coração de uma inesperada luz de esperança. Enquanto isso, um pombo voa em direção à terra de Cirene levando a alvissareira mensagem: Melkart foi encontrado!

O pombo voa perto das nuvens...

... e chega, finalmente, ao destino, onde a mensagem é logo recolhida. À notícia, Hiram e os amigos, ansiosos por libertar Melkart, não perdem tempo. Ouvindo ainda alguns conselhos do "Velho das Estrêlas", em rápido galope que não conhece descanso, nem dias, nem noites, se dirigem a Heliópolis..

Chegados finalmente à oficina do artífice, ouvem esclarecimentos do valente Edor, e ultimam, sem hesitação, o plano da libertação de Melkart. E, às primeiras sombras da noite, dois meninos — que são Edor e Dorion — se aproximam das masmorras, onde estão os cativos...

NÃO TEMAS, DORION! VERÁS COMO ILUDIREMOS AS SENTINELAS! JÁ ME TORNEI AMIGO DA MAIORIA DELAS...

ANTES DE TER VISTO AS TEMPESTADES DO MAR, TIVE MÊDO! MAS HOJE NÃO TENHO MAIS!

Diante da lúgubre entrada para as prisões, estão, a postos, duas sentinelas Uma delas é o guarda conhecido de Edor...

NÃO CONTINUE AQUÊLE QUE VEM VINDO!

NÃO TE ALARMES, AMIGO! É O MENINO QUE ESTÊVE AQUI ESTA MANHÃ...

ÊI! TU, MENINO! QUE FAZES AQUI, A ESTA HORA? QUEM ESTÁ CONTIGO?

SALVE, Ó REI DAS SENTINELAS! VENHO PROCURAR A TUA PROTEÇÃO! OLHA, ÊSTE É O MEU IRMÃO. QUEBRAMOS UM VASO NA TENDA DE MEU PAI, O MERCADOR, QUE ESTÁ IRADO...

...E ACHAMOS PRUDENTE FUGIR... MAS FICAMOS COM MÊDO DOS UIVOS DOS CHACAIS... POR ISSO VIEMOS ATÉ AQUI TER CONTIGO... QUE NÃO TENS MÊDO DE NADA!

LÁ ISSO É, MENINO! E MUITAS PESSOAS RECORDAM OS MEUS FEITOS!

E COMO SÃO GRANDIOSOS!

CONTA, A PROPÓSITO, AQUELA HISTÓRIA DOS CHACAIS...

Enquanto o vaidoso guarda conversa com os meninos, três sombras furtivas deslizam em direção à porta da prisão, à espera do sinal convencionado — um uivo de chacal que seria dado pelo menino Edor

A sentinela conta bravatas .

Distraído com as fanfarronadas não percebe o guarda que as três sombras penetraram na prisão, mal ouviram o sinal dado por Edor! A libertação de Melkart está próxima! Todavia.. um barulho desperta a atenção das sentinelas!

Um dos guardas se levanta e corre na direção de Melkart e seus libertadores que já vão fugindo! O outro, ao tentar segui-lo, é impedido por Edor que, estendendo a perna...

..o faz cair.

Edor procura fugir depressa Mas o colossal guarda o alcança, e...

O apêlo angustiado de Edor vence o terror de Dorion, que ia fugindo! Fortalecido pelo sentimento de solidariedade vai em socorro do amigo, sem medir o enorme perigo!

AQUI ESTOU, EDOR!

E, como um leão, salta às costas do brutamontes!

O apêlo de Edor chama a atenção dos fugitivos, e Geb, o leal servo do artífice...

CORREI PARA FRENTE! EU VOU SOCORRÊ-LOS.

.volta, enfrenta o guarda que o perseguia, e...

.. com um tremendo golpe de seu punho, põe fora de combate o enorme antagonista!

FUGI, MENINOS! POR ALGUM TEMPO NÃO NOS MOLESTARÁ!

Depois de uma corrida desenfreada, entram todos na casa do artífice, o qual toma as necessárias precauções para ocultar o fugitivo e seus libertadores.

TODOS A SALVO, SENHOR! ESTÃO AQUI!

ENTRAI! LIGEIRO!

MELKART! MELKART! ESTÁS LIVRE!

Mas, Melkart se mostra estranhamente triste no meio da alegria geral. E são inúteis as palavras confortadoras de Neskart...

MELKART, PORQUE PERMANECES TÃO MELANCÓLICO? REANIMIA-TE, POIS QUE ESTÁS LIVRE!

VOU TIRAR AS ALGEMAS, SENHOR, E ÊLE, DEPOIS, FICARÁ CONTENTE...

COMPREENDO, JOVENS, QUE É DIFÍCIL SUPERAR A HOSTILIDADE OCASIONAL QUE VOS DIVIDIU! MAS A FRATERNAL AFEIÇÃO TUDO PODE! ABRAÇAI-VOS, PORTANTO! SOIS IRMÃOS!

MELKART! MEU IRMÃO!

Mais à vontade, depois disso, e reconfortado, Melkart narra ao irmão e aos amigos as suas vicissitudes E, também...

...SEI QUE ASRUM QUERIA DIRIGIR-SE COM OS SEUS CÚMPLICES PARA O TEMPLO DE AMON, A FIM DE ASSALTAR UMA OPULENTA CARAVANA... QUANTO AO PAPIRO DE DORION, LEVOU-O ASRUM!

VAMOS DEPRESSA AO TEMPLO DE AMON, POIS! É A ÚNICA ESPERANÇA DE REAVER O PAPIRO!

SIM, HIRAM! TENS RAZÃO!

...GEB JÁ SABE ONDE PROCURAR OS ANIMAIS. PODEREIS PARTIR AO ALVORECER! QUE OS DEUSES VOS PROTEJAM!

Ainda não raiara o dia e, através do deserto, galopa a cavalgada a que serve de guia o fiel Geb

Distante dali, a caravana do príncipe Kampur caminha, apressadamente, em direção ao templo de Amon, perto de Tebas O dia da grande festa anual está próximo O príncipe conversa com sua filha, que também o acompanha

...e, em rico palanquim, forrado de sêdas...

ACAMPAREMOS PERTO DAQUELE OÁSIS, Ó FILHA MINHA... JÁ ESTAMOS QUASE CHEGANDO.

O príncipe chama o chefe dos cameleiros, e...

HAZIM! VAMOS ERGUER NOSSAS TENDAS NAQUELE OÁSIS, À FRENTE! TOMA AS PROVIDÊNCIAS NECESSÁRIAS!

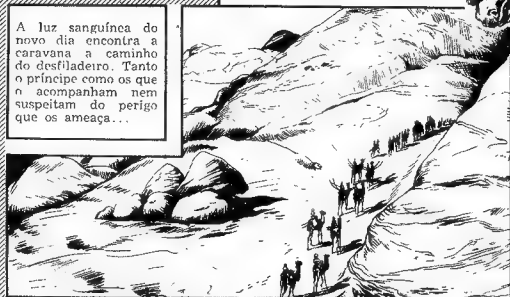
No oásis, pouco depois...

PELA MANHÃ, CEDO, REINICIAREMOS A VIAGEM. PASSAREMOS PELO DESFILADEIRO ENTRE AQUELAS DUAS COLINAS, ABREVIANDO, ASSIM, O ITINERÁRIO. TU SERÁS O GUIA... CONTO CHEGAR AO TEMPLO ANTES DO PÔR DO SOL.

Pouco distante, os salteadores esperam a volta de um seu espião...

NOBRE ASRUM! EU OS VI LEVANTAR AS TENDAS ONTEM, NO OÁSIS DE SIROM...

BEM... SERÃO PRÊSA FÁCIL! O CAMINHO DÊLES É O DESFILADEIRO DE MENIK... ASSALTÁ-LOS-EMOS LÁ, AO AMANHECER!

A luz sanguínea do novo dia encontra a caravana a caminho do desfiladeiro. Tanto o príncipe como os que o acompanham nem suspeitam do perigo que os ameaça...

Enquanto isso, Hiram e seus amigos galopam pelo deserto, na direção do mesmo desfiladeiro...

Ao penetrar a caravana na estreita passagem, surge uma desagradavel surprêsa!

PARAI! CUIDADO! A PASSAGEM ESTÁ OBSTRUIDA!

A caravana é sùbitamente atacada pelos salteadores de Asrum

AVANTE! DESÇAMOS!

Sangrento combate se fere .

AS ARMAS!

CORAGEM, FILHA MINHA!

PARA TRÁS, SALTEADORES! SEREIS ESFOLADOS VIVOS!

Os salteadores são numerosos e aguerridos! Parece que o destino da caravana está selado! Mas, de repente, surge, ao longe, um grupo de cavaleiros!

Impetuosamente, Hiram e os amigos entram em luta! Os salteadores, desnorteados pela inesperada chegada dos cavaleiros, são obrigados a cair na defensiva, para se porém, a seguir, em fuga!

E Geb, apeado do cavalo, mostra que sabe combater!

Depois de breve e encarniçada luta, os salteadores de Asrum, o egípcio, são derrotados Geb dera inúmeras demonstrações de sua fôrça descomunal...

Entre os feridos, Hiram descobre o velho príncipe indiano e, solícito, o socorre .

PROCURA CONTORNAR AS ROCHAS E ALCANÇAR O TEMPLO!

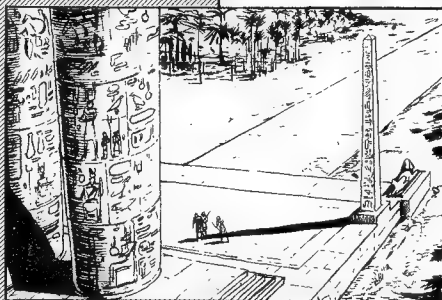
LÁ EM CIMA! O TEMPLO!

DEPRESSA! MAIS DEPRESSA!

Depois de longo e extenuante galope no deserto, Hiram e os amigos chegam ao grande templo de Amon. Mas Asrum já desaparecera com sua prêsa. Talvez se tenha ocultado nos misteriosos recessos da imensa construção e prepare uma cilada . Tendo escondido os cavalos, os três se aventuram a entrar no templo...

NÃO SERÁ FÁCIL LOCALIZÁ-LO!

CUIDADO COM AS SURPRÊSAS...

LÁ EM CIMA! OLHAI! ALGO SE MOVENDO!

Inesperadamente, com um silvo sinistro, uma flecha, disparada não se sabe de onde, fere o valoroso Geb...

AI!

Neskart vê o salteador que se apresta para atacar de novo Mas. . .

A FLECHA DE NESKAR NÃO ERRA O ALVO! AGORA, CUIDAREI DE TI!

ENTÃO ... FERE, SE ÉS CAPAZ!

A covardia de Asrum, que se escuda por trás do corpo da princesa desfalecida, detém o braço de Neskart que, entretanto, toma outra decisão, e se lança, com Hiram, em perseguição do malfeitor...

POR AQUELA ESCADA, HIRAM! SIGAMO-LO!

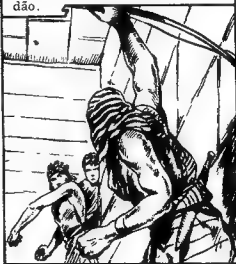
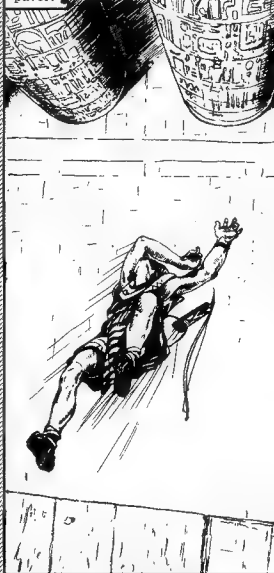
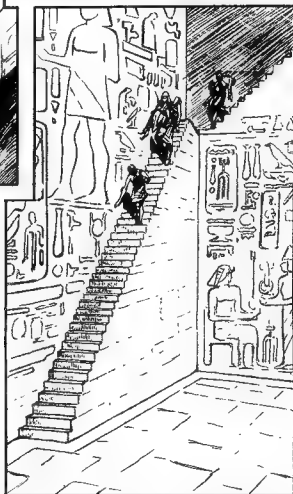
Largando o corpo inanimado da jovem, Asrum se prepara para a extrema defesa ..

DETÉM-TE, NESKAR! ÊLE ESTÁ EM NOSSA FRENTE!

ACAUTELA-TE, O' HIRAM!

Mas, quando a mão de Asrum está prestes a soltar a flecha mortal, uma pedra, lançada da parte oposta, desvia o golpe

Edor e Dorion haviam entrado em ação!

A intervenção inesperada dos dois jovens é decisiva! Cego de ódio, Asrum. . .
. arremete contra os meninos, usando o arco como um bordão.
Abaixando-se ràpidamente, Edor evita, em parte, o golpe. Asrum, perdendo o equilíbrio, hesita, treme, resvala...
.. e se precipita com um brado de pavor!
Dorion, prontamente, sustém seu intrépido amigo...
Tudo se desenrolara fulminantemente! Apenas refeitos da aterradora comoção, os amigos descem com a princesa e Edor ainda desfalecidos...
OS DEUSES PUNIRAM O SALTEADOR!
Entrementes, o príncipe Kampur, embora ferido, ansioso por saber o que acontecera à filha, segue, apressadamente, com uma escolta armada.

Conduzidos os meninos e a princesa para fora do templo, juntamente com o etíope ferido, Neskart e Hiram procuram, nas vestes do perverso egípcio, o precioso papiro...

PERECEU CASTIGADO PELA PRÓPRIA PERVERSIDADE!

AQUI! AQUI ESTÁ O PAPIRO QUE PROCURAMOS!

Nisso, chegam o príncipe e Melkart ..

FILHA!

ANTES QUE EU OS PUDESSE DETER, OS DOIS MENINOS VOS SEGUIRAM COM O MEU CAVALO!

DUAS VÊZES VÓS ME TENDES SALVO! COMO PODEREI PAGAR-VOS?

AOS MENINOS DEVEMOS A NOSSA SALVAÇÃO! E, DESTA VEZ, A DESOBEDIÊNCIA É PERDOÁVEL, PORQUE FOI IMPELIDA PELA GENEROSIDADE...

Encerrada com feliz êxito a emprêsa que restituira a Hiram o precioso papiro, e ao príncipe Kampur a filha e a vida, os destemidos fenícios regressam à terra onde os espera o "Velho das Estrêlas". Levam o pequeno Edor e o gigantesco Geb, que a êles se dedicara fielmente

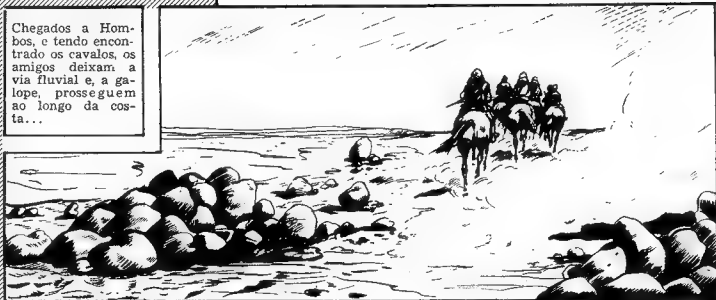
Mas nem todos se alegram com o retôrno. Preocupado e inquieto, o olhar de Melkart erra sôbre as águas do Nilo sagrado...

Ràpidamente se passam os dias da longa viagem para a terra de Cirene, alternando-se as atividades do grupo entre erguer as tendas e caçar...

À noite, quando reunidos junto ao fogo, a alegria se apodera de todos, e mais ansiosa é a espera Melkart continua isolado e entregue ao seu mutismo A viagem prossegue, pelo rio, até que, certo dia..

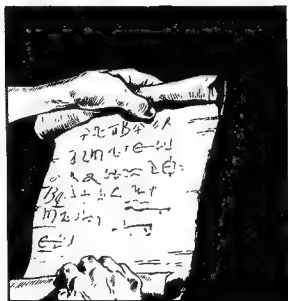
OLHA! A TERRA DE HOMBOS!

LÁ, SENHOR! CAVALOS PARA NÓS!

Chegados a Hombos, e tendo encontrado os cavalos, os amigos deixam a via fluvial e, a galope, prosseguem ao longo da costa...

...até que, ao alvorecer de certo dia vêem, recortada no horizonte distante, a rocha que assinala a morada do "Velho das Estrêlas"...

...que, depois, os recebe com alegria.

BEM-VINDO SEJAS, O' MELKART! E QUE A PAZ REINE EM VOSSOS CORAÇÕES RECONCILIADOS!

A TUA BÊNÇÃO E O TEU SÁBIO CONSELHO NOS GUIARAM, O' ANCIÃO! E ÊSTE É O PRECIOSO PAPIRO!

Eis, finalmente, o papiro nas mãos do ancião! Êle o desenrola, examina-o e fala Reunidos sob um sicômoro, os viajantes fenícios sentem pulsar descompassadamente o coração. Êles estão impacientes por saber o segrêdo da inscrição misteriosa. E...

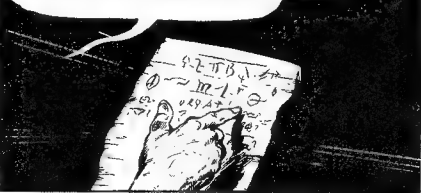
OS DEUSES, O' AMIGOS, VOS CONCEDEM UM GRANDE DOM. ÊSTE PAPIRO REVELA UM PRECIOSO SEGRÊDO...

VIVEM AO LONGO DAS PRAIAS DO VOSSO BELO MAR DA FENÍCIA, APRISIONADO EM MARAVILHOSAS CONCHINHAS, UM NÚMERO INFINITO DE MOLUSCOS QUE NO MINÚSCULO CORPO ESCONDEM UM LÍQUIDO...

ÊSSES MOLUSCOS, POR VÓS CUIDADOSAMENTE RECOLHIDOS...

... E SÀBIAMENTE PREPARADOS, DE ACÔRDO COM AS INSTRUÇÕES DÊSTE PAPIRO...

... FARÃO COM QUE OBTENHAIS UMA SUBSTÂNCIA MUITO PRECIOSA: É UMA TINTA DE CÔR VIVA COMO O FOGO, PELO QUE LHE DAREIS O NOME DE "PÚRPURA". TINGIDOS COM ISSO, TODOS OS TECIDOS SE TORNARÃO BELOS E DE MUITO VALOR...

... FARÃO COM QUE TODOS, RICOS E PODEROSOS, PROCUREM A "PÚRPURA" PRECIOSA. ELA REVESTIRÁ OS NOBRES OMBROS DOS REIS E DOS MAIS ALTOS DIGNITÁRIOS! AO VOSSO LABORIOSO POVO TRANSMITIREIS O SEGRÊDO QUE TRARÁ GLÓRIA E BEM-ESTAR, FRUTOS MERECIDOS DA GENEROSA FAINA E DO TRABALHO INTELIGENTE!

O "Velho das Estrêlas" decifrara o segrêdo do papiro. Os circunstantes, em silêncio, recolhem-se às tendas, pois já é chegado o instante do descanso.

Caiu a noite Brilham no firmamento as estrêlas, qual um docel protegendo o sono dos corajosos fenícios Mas nem todos os corações repousam tranqüilos Melkart, insone, está inquieto De repente, levado por uma súbita resolução, sai, rápido!

Uma voz suave e paternal soa atrás dêle.

MELKART!

TU FOGES, MELKART! E EU SEI POR QUE! NÃO ESTARÁ O TEU CORAÇÃO ORGULHOSO DOMINADO POR UMA HUMILHAÇÃO QUE O ATORMENTA?

OH, SENHOR! TU ME COMPREENDES! MAS EU NÃO SOU DIGNO DE COMPARTILHAR COM ÊLES A MESMA VENTURA... QUE COISA PODERIA FAZER COM QUE EU OLVIDASSE A MINHA PERVERSIDADE, MESMO NO MEIO DA GLÓRIA E DA OPULÊNCIA?

ESCUTA, MELKART! ÊLES DESAFIARAM O SOL ARDENTE DO DESERTO E A FADIGA DAS LONGAS CAVALGADAS! AFRONTARAM AS FÚRIAS DO MAR, LUTARAM, UNIDOS, E COM DESTEMOR! E... TUDO ISSO, POR TI, Ó MELKART! PORQUE SÃO AMIGOS TEUS! E TODO ÊSTE ESFÔRÇO QUERES PÔR A PERDER, ABANDONANDO-OS NA HORA DA VITÓRIA?

A TANTA LUZ DE FRATERNIDADE SÓ FALTA UMA CENTELHA: A DO TEU CORAÇÃO, Ó MELKART!

AS TUAS PALAVRAS ME ILUMINARAM, Ó ANCIÃO! FICAREI!

A luz esplendente da aurora banha as águas mansas. E um barco, de vela enfunada, aproa para as terras da Fenícia, onde a prosperidade e a riqueza do povo hão de se multiplicar, graças ao seu labor constante. Naquele barco vão os corajosos jovens levando consigo o papiro que ensina como preparar a púrpura. E à mansidão de seus corações generosos se junta a sabedoria que marcará a gloriosa civilização fenícia.

FIM

Sob o Signo do Leão de São Marcos!

★

DESENHO DE POLESE

★

Tendo como atividade principal o comércio, os venezianos faziam a guerra quando necessária na defesa de seus interêsses econômicos e para resguardar a supremacia política sôbre as demais Nações. Era preciso conquistar e dominar os mercados compradores ou fornecedores de matéria prima ou de produtos manufaturados; e os concorrentes se valiam de muitos recursos para isso. É justamente dêste assunto que trata a presente história, focalizando, de maneira interessante, a secular questão da abertura de um canal cortando o istmo de Suez, canal êsse que daria grande vantagem à potência que o controlasse.

Esta história se inicia em Veneza, em meados do século XVI. Em certa noite, enquanto a população está dormindo, e a quietude das águas é perturbada só raramente por alguma gôndola retardatária...

..em uma das salas do palácio ducal, está reunido o Conselho dos Dez. Trata-se da assembléia daqueles que, na verdade, governam a "República Sereníssima", e têm mais poderes do que o Senado ou o próprio Doge. A reunião é secreta, e Marino Contarin, o chefe do Conselho está com a palavra...

Para a nossa República delineia-se um futuro não muito auspicioso, meus senhores! As descobertas de Cristóvão Colombo e de outros desviaram grande parte do comércio marítimo para o Ocidente... a Espanha já nos faz uma grande concorrência!

Excelência, esqueceis que os nossos mercadores controlam o Oriente!

Controlamos o Oriente, sim, mas... até quando? Os portuguêses circunavegaram a África, e podem chegar à Índia por via direta. Os mercados da Ásia Menor nos abastecem ainda, é verdade... mas por quanto tempo? Os portuguêses já reduziram os preços de suas mercadorias!

Não seria bom então, senhor, fomentar a desordem nos portos onde dominam os portuguêses e...

Aconselhais uma deslealdade? E o derramamento de sangue? NUNCA! Enquanto Veneza estiver sob a proteção do Leão Alado de São Marcos, saberemos manter o domínio dos mares com coragem e inteligência!

Propostas como essa ofendem a mim e à República!

Entretanto, Contarin, deveis escutar-nos!

Excelência... escutai-nos!

São êstes, então, os homens de quem depende a sorte e a segurança de Veneza! Deverieis envergonhar-vos, senhores! Acalmai-vos e escutemos Contarin, por favor!

Tudo que vos expus é sòmente para vos chamar a atenção. A solução do caso, no entanto, só poderá ser discutida quando voltar a Veneza o navio de Fullin, que conhece profundamente a situação, no Oriente.

Candiano Fullin, "patrício" veneziano, proprietário do melhor e mais veloz navio de Veneza, o "São Teodoro", é um jovem e corajoso Capitão. De volta do Ceylão, de onde traz um carregamento de especiarias, navega pelo Oceano Índico, e está, nesse momento, na altura do golfo Pérsico...

Se o vento continua assim, penso que cedo chegaremos ao litoral da Arábia, Capitão Fullin!

Navio à vista! E... com a bandeira portuguêsa!

Todos os homens ao convés! Alarma!

Mas... Capitão! É um navio português! Não há o que temer!

Realmente! Não estamos em guerra com os portuguêses, Zorzi, mas... somos concorrentes no comércio marítimo e... não é sem alguma razão que aquêle navio está ali!

Candiano Fullin não esta enganado, pois, realmente, a bordo do "Dural", o navio português. .

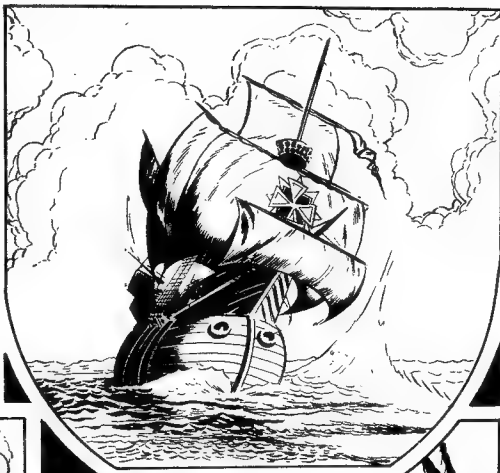
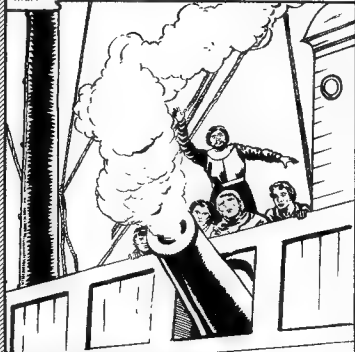
Comandante! Navio veneziano à vista!

Malditos traficantes... uma boa lição é o que merecem... sua Majestade ficará contente por saber que serviram de comida para os peixes!

Artilheiro! Dou-te cem escudos se atingires o alvo!

Sim, senhor!

Infringindo as regras da lealdade marítima, o "Dural" abre fogo de repente sôbre o "São Teodoro", mas a bala cai no mar.

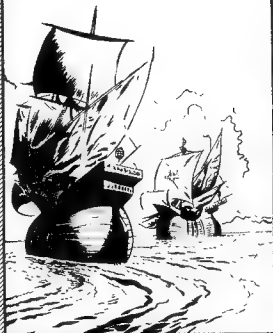
Atacam-nos como piratas, mas terão a resposta! Prontos? Fogo!

Mas, o "Dural" está muito distante para ser atingido pelo fogo do "São Teodoro", enquanto que...

A nossa peça tem tiro mais longo... desta vez os cem escudos serão meus!

Por São Marcos! Carregar outra vez!

Comandante! O mastro, ao cair, jogou ao mar os nossos canhões!

Os portuguêses nos abordarão para saquear o carregamento, mas verão que a proeza não será fácil!

Realmente, o "Dural" avança a todo pano contra o "São Teodoro"...

Prontos para a abordagem!

Pois bem... não nos prenderão — nem nos tomarão o navio! Quando assaltarem, eu mesmo acenderei a mecha no paiol. Quando fizer o sinal... todos nágua, compreenderam?

Sim, comandante!

Teodoro

Fullin sabe que terá desvantagens na luta corpo a corpo, pois suas fôrças são inferiores em número...

Meus homens estão prestes a debandar... tentarei o impossível!

Entrego-o a teus cuidados Zorzi!

Pronto, comandante!

Também de ti não tenho mêdo!

Livrando-se do português, e vendo que a situação é grave...

A mecha já está pronta...

E se morrermos também na explosão? É preferível a apodrecer nas prisões portuguêsas! São Marcos, porém, nos protegerá!

Enquanto a mecha se queima lenta e inexoràvelmente...

Pelo Leão alado de Veneza... Corramos!

Os marinheiros venezianos fogem ràpidamente, deixando espantados os portuguêses, com aquela fuga súbita e, para êles, inexplicável...

Vamos segui-los!

Não! Espera!

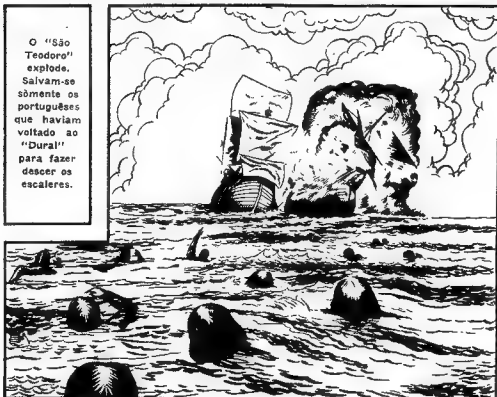
Escaleres ao mar! Na água, poderemos pegá-los mais fàcilmente!

Os venezianos, porém, nadam para longe de seu navio, que sabem condenado...

Depressa! É questão de minutos!

O "São Teodoro" explode. Salvam-se sòmente os portuguêses que haviam voltado ao "Dural" para fazer descer os escaleres.

Demônios! Preferiram fazer saltar o navio a render-se.

Pior para êles... acabarão morrendo afogados. É bom ver se a explosão não avariou nossa nau!

Efetivamente, a explosão havia provocado um rombo no flanco do "Dural". Os portuguêses, ocupados em repará-lo, desistem de perseguir os náufragos venezianos, que...

Capitão... daqui a pouco será noite... não podeis continuar nadando! Tomai o meu lugar neste destrôço!

Não, Zorzi, ainda posso continuar; é duro, mas a costa não deve estar longe.

Capitão... não... não resisto... mais!

Coragem, rapaz, coragem!

Procurai ficar perto uns dos outros... não abandoneis os destroços! Poupai as fôrças... Que São Marcos nos proteja!

À noite, quando surge a lua...

Terra! Terra! Vejam...

Um último esfôrço... abandonemos os destroços e nademos para a praia!

Estamos perto... Coragem!

Capitão.. estou perdido...

Finalmente, salvos!

Obrigado, meu Deus!

Mas que terra é aquela que acolhe os náufragos?

Quando amanhece, os venezianos percebem que estão na Arábia

Capitão, onde estamos? Encontraremos água?

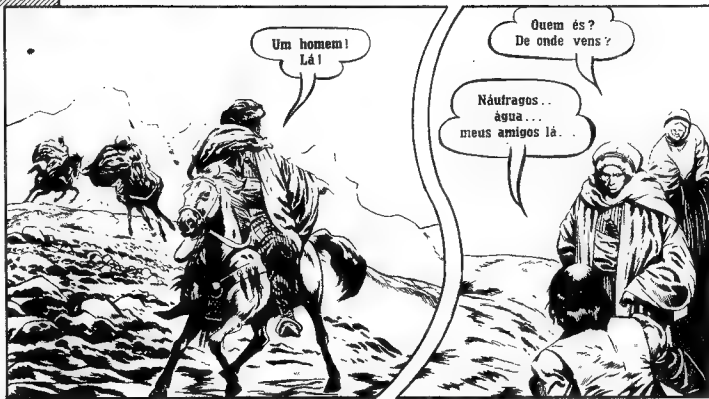
Se não me engano, deveremos estar perto de Aden... mas para encontrarmos uma nascente é preciso ir mais para o interior...

Os náufragos iniciam a marcha, sob um sol escaldante.

Morrendo de sêde e fadiga, os homens de Fullin procuram abrigo junto a um rochedo. O desespêro é geral. Adeus, Veneza! Adeus, bela e maravilhosa cidade embalada pelas verdes águas do Adriático... Mas Candiano não desanima e, num supremo esfôrço, prossegue a dura caminhada na esperança de encontrar uma nascente ou alguém que possa ajudá-lo, e a seus companheiros. E então...

Um homem! Lá!

Quem és? De onde vens?

Náufragos.. água... meus amigos lá..

Socorridos pelos nômades árabes, os venezianos são conduzidos perante o chefe da tribo.

Não podemos socorrer infiéis. Renegai vossa fé que vos deixaremos livres...

Isso é impossível! Faze de nós o que quiseres — porém, nunca renegaremos nossa fé!

Então, sereis nossos escravos. Talvez as fadigas do trabalho vos façam mudar de idéia.

Porém, os trabalhos forçados — por mais pesados que fôssem — não quebrantam a fibra dos filhos fiéis e dedicados da "Serenissima" Veneza.

Capitão, precisamos fugir. Aquêle rapaz, o grumete... já está quase morto de cansaço. Tenho escondido comigo um punhal, e poderia...

Nada de tentativas fadadas ao fracasso, Zorzi!

Mas, certa noite ...

Às armas!

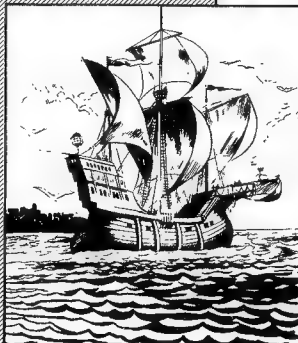
uma tribo rival ataca de surprêsa o acampamento!

Nessa noite, como em tôdas as outras, Fullin e seus companheiros estavam amarrados numa tenda ..

Capitão, se eu conseguir desamarrar-me a tempo, estamos salvos!

Com a ajuda do punhal de Zorzi, os venezianos conseguem libertar-se, enquanto prossegue a furiosa luta entre os árabes.

Minutos mais tarde

Orientando-se pelos astros, Fullin foge com os amigos na direção de Aden. Tão ocupados estavam os árabes com a luta, que só tarde demais dão pela fuga dos venezianos.

Chegando a Aden, Fullin procura um seu compatriota que possui um armazém, e, com sua ajuda, consegue partir para Veneza.

À sua chegada, o Conselho dos Dez é imediatamente convocado. Candiano Fullin narra aos "patrícios" a travessia, o ataque dos portuguêses, e a perda do carregamento. A indignação é geral.

A proposta de Fullin é logo discutida pelo Conselho dos Dez e o próprio Capitão, munido de credenciais para o Sultão do Egito, é encarregado de estudar no local as possibilidades reais de tão difícil emprêsa. Mas, o Embaixador de Portugal tem espiões por tôda parte, e toma conhecimento do projeto

Em Alexandria, capital do Sultanato egípcio, algum tempo depois.

Os meus agradecimentos ao grande Sultão do Egito pela ajuda a mim prestada. Que a realização dos nossos planos faça crescer entre o Egito e Veneza uma forte e cordial aliança.

Vossas palavras me comovem. Sempre admirei as iniciativas da "Sereníssima". O meu vizir, Omar Bey, providenciará os vossos salvo-condutos.

Vou preparar as credenciais, senhor. Quando deveis partir?

Depois de amanhã, pela madrugada. A nossa caravana já está pronta.

Mas, ao retirar-se Fullin

Fullin partirá depois de amanhã, ao amanhecer. Que pretendes fazer, Pires?

Tenho um plano, mas, se falhar... recorrerei a vós mais uma vez. Pela informação que me derdes, recebereis logo à noite uma bela recompensa — em ouro!

O espião portugues entra em ligação com o vizir do Sultão, pois está disposto a usar todos os meios por mais censuráveis que sejam para conseguir o seu intento.

À noite, quando Candiano volta de inspecionar os preparativos da caravana, é atacado de surprêsa.

mas o veneziano é mais rápido que o assaltante, e após breve luta, consegue desarmá-lo

Quem és? Quem te manda? Fala!

Eu... sou João Pires... português... obedeço a ordens... não me mateis!

Vai-te! Não mato homens indefesos.

O veneziano percebe que alguém conspira contra a sua missão. Poderia avisar ao Embaixador de sua República, mas prefere confiar em sua própria sagacidade, e, por isso, cala-se

De madrugada, a caravana parte

Chegados aos lagos salgados, e descobertos os vestígios do antigo canal, Fullin inicia logo os estudos. E, rapidamente...

com a ajuda de naturais da região, prepara um relatório que permitirá aos engenheiros de Veneza estudarem a possibilidade de reabrir-se o canal ao tráfico marítimo

João Pires, entretanto, continua a agir, e fica sabendo que Omar Bey tinha recebido notícias de que a caravana dos venezianos partira de volta para Alexandria.

Pagarei muito bem para ter em mãos aquêle relatório! De posse dêle, Portugal poderá tomar as suas precauções!

Poderei ajudar-vos, mas... custará muito dinheiro, senhor!

Tereis todo o dinheiro, se me entregardes os documentos de Fullin e se fizerdes com que êle não volte mais a Veneza! Mas... cuidado! Um só passo em falso, e estareis perdido!

Antes que a caravana de Fullin chegue a Alexandria, Omar Bey, tentado pelo ouro, chama seus homens e...

Minhas ordens são claras, não? Bem, agora... em ação!

Alá seja contigo, Omar!

À noite, no depósito de mercadorias dos venezianos, enquanto um marinheiro se dirige ao navio ancorado...

Estou aqui! Aguenta firme!

Corre! Ajuda-me!

Forma-se a confusão...

Atraídos pelo barulho, os janízaros de Omar, que estão fazendo a ronda, intervêm...

Fomos assaltados! Largai-nos!

Dareis explicações a Omar Bey... Vamos!

E, depois...

Omar Bey, os venezianos provocaram conflito com três árabes; prendi-os e trancafiei-os no cárcere do Palácio!

Êsses estrangeiros... Sempre procurando barulho! Vai, que te seguirei!

Confesso... Fomos pagos pelo senhor Fullin para provocar desordens na cidade...

Cala-te, cão infiel! Senão, provarás o meu chicote!

Compreendo... Veneza, com o pretexto de se interessar pelo canal, enviou espiões para perturbar a ordem, no país... E teria, depois, um bom motivo para declarar-nos guerra!

É falso! O capitão Fullin de nada sabe!

Tudo está esclarecido. Põe êstes dois nas masmorras! Os árabes... êsses virão comigo, para que relatem tudo ao Sultão!

Mas, lá fora...

Abandonai a cidade, e escondei-vos durante um mês! Saberei dar uma boa desculpa ao Sultão...

Sim, senhor!

O vizir não perde tempo. Sabe que Fullin está prestes a chegar, e, por isso, dirige-se logo ao Sultão...

Meu nobre senhor, esta é a verdade: Fullin está aqui para criar-nos dificuldades... os três árabes fugiram, mas eu vo-lo afirmo, sob minha palavra de honra, e o oficial da guarda também poderá dar testemunho!

Será possível? Fullin não tardará a chegar! Manda prendê-lo, Omar! Lembra-te, porém, de que é um representante de Veneza, e que deve ser tratado com respeito!

Mais tarde, a caravana de Fullin, inocente, entra na cidade..

Hoje mesmo irei ao Sultão prestar-lhe minhas homenagens e, depois, embarcaremos.

Senhor Fullin! Senhor Fullin!

Marcos, que fazes aqui, a estas horas?

Meu pai vos manda êste bilhete! Tenho de fugir, pois êle me recomendou prudência...

Que significa tudo isso? É preciso falar ao Sultão, sem demora!

Os guardas de Omar Bey prenderam dois dos nossos companheiros durante um conflito provocado por árabes. O depósito está vigiado! Sê prudente! Tenho a impressão de que estamos sendo vítimas de alguma traição.

Esporeando o cavalo, o veneziano se dirige para a residência do Sultão. Mas, a meio caminho...

Alto! Segui-nos! Ordens de Omar Bey!

Isto é uma afronta!

Fullin é prêso, e levado à presença de Omar Bey, que lhe tira os documentos...

Quanto a isto, entregá-lo-ei ao Sultão! Agora, já não podereis provocar desordens!

É uma infâmia! Uma calúnia! Não me atemorizam vossas intrigas! Quero falar com o Sultão! Devo ser respeitado!

Está bem, senhor, mas, se pensais poder burlar-me, estais enganado!

Omar Bey está por demais seguro da confiança que lhe dedica o Sultão, e comete o êrro de permitir a Fullin ficar sob a guarda pessoal do soberano...

e, enquanto o veneziano é conduzido ao Sultão em presença do mameluco...

Êstes documentos valem ouro, Omar! Estais certo, porém, de que Fullin não poderá mais partir?

O Sultão o condenará na certa, mas eu o convencerei a fazê-lo morrer, como se se tratasse de um... "acidente". Compreendes? Assim, Veneza nem poderá protestar!

Mas, o Sultão, que é um homem inteligente e honesto..

Traze-me o prisioneiro! Quero falar-lhe a sós!

Quem vos tratou dessa maneira, senhor? Não foram estas as minhas ordens! Eu não sou um bárbaro!

Omar Bey, no entanto, o é! Ele ordenou que me torturassem, e roubou-me os documentos relativos ao canal, e que eu deveria levar ao "Conselho dos Dez"!

Impressionado com as palavras do prisioneiro, o Sultão compreende ràpidamente que o vizir agira arbitràriamente, e por interêsses inconfessáveis...

Omar Bey... confiei demais no vizir! Sois um homem honesto, senhor! Dai-me a vossa palavra, de que não fugireis e eu vos deixarei partir! Sei que, se sois inocente, trar-me-eis de volta as provas da traição de Omar! Conheço o caráter nobre dos venezianos!

Dou-vos a minha palavra de honra de que voltarei aqui amanhã, à noite! Sou-vos grato pela confiança que depositais em mim!

Confio o senhor Fullin a ti! Obedecerás a tôdas as ordens dêle! Deixa-o sair, mas... toma cuidado! Que NINGUÉM O VEJA sair do palácio!

Serão cumpridas as vossas ordens, meu Sultão!

No entanto, Omar Bey, na convicção de que o jovem veneziano se acha encarcerado nas masmorras do palácio, é procurado por um escravo..

Está aí um persa, com bonitas mercadorias à venda...

Manda-o entrar!

É o mais bonito tapête do mundo, senhor! Quero vendê-lo por uma ninharia...

Realmente, é maravilhoso... Bem, como dinheiro é coisa que não me falta — comprar-te-ei o tapête.

Mas... só tenho moedas portuguêsas com que pagar-te... aceitas?

Sim, magnífico senhor! Para mim, dá no mesmo! E... que a paz seja convosco!

Se, momentos depois, todavia, Omar Bey olhasse pela janela, poderia ver que o mercador persa não era outro senão o jovem Fullin, que soubera se disfarçar muito bem...

Dinheiro de Portugal... já ouvi falar de um certo João Pires, português... Não estaria em poder dêle o documento que me foi arrebatado? Irei ao depósito de mercadorias, e tentarei obter informações!

E, daí a pouco...

Marcos! Marcos!

Escuta: preciso ir ao navio sem ser visto! Dize a Zorzi, o teu pai, para tomar tôdas as informações sôbre um homem chamado João Pires, e que vá encontrar-me a bordo, logo à noite! Todo cuidado é pouco, compreendeste?

Sim, senhor! Farei o que é preciso!

Ao crepúsculo, no navio de Fullin, ancorado no pôrto de Alexandria, Zorzi e Candiano traçam o plano de ação

Informaram-me que João Pires fretou aquêle navio, o "La Paloma"! Eu soube, também, que zarpará hoje à noite! Que faremos?

Não tenho dúvida de que o meu relatório está naquele navio! Tu e Zorzi deveis atrair as sentinelas, enquanto eu tentarei penetrar no "La Paloma"!

Momentos depois...

Uma briga! Naquele bote! Vamos intervir!

SOCORRO! SOCORRO!

Grita mais alto! Êles se deixaram iludir! Isso dará tempo a que Fullin consiga subir a bordo...

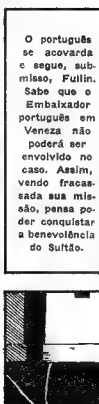
LADRÃO!

Não vos intrometais! Êle me roubou uma bôlsa cheia de moedas!

Larga-o! Arriscas-te a matá-lo!

Atraídos pelo rumor da luta simulada pelos venezianos, os marinheiros do "La Paloma" se descuidam da vigilância, e...

Até agora... tudo foi bem!

Os marinheiros foram intervir na "luta"... É preciso que eu me apresse...
Fullin penetra na cabina de João Pires, e sua perspicácia o leva a uma busca sob o colchão...
Não me enganei! Aqui está... agora...
Mas, um leve rumor o adverte de que se aproxima alguém...
Que imprudentes! Deixaram o navio sem vigias! Mas... seis meses a ferros é o que os aguarda! Palavra de João Pires!
O... João Pires! Chega bem a propósito!
Não costumo atacar pelas costas... mas sois uma testemunha preciosa!
Então, João Pires! Finalmente, nós nos encontramos! Agora, vem comigo à presença do Sultão! E não tentes resistir!
O português se acovarda e segue, submisso, Fullin. Sabe que o Embaixador português em Veneza não poderá ser envolvido no caso. Assim, vendo fracassada sua missão, pensa poder conquistar a benevolência do Sultão.
No pôrto, porém...
Marinheiros! SOCORRO!
Diabo... Meu amigo Zorzi não conseguiu distrair a atenção dêles por mais tempo!
É o senhor João Pires! Agarrai o veneziano!
Colhido de surprêsa, Fullin não pode se defender bem...
... e João Pires lhe retoma o documento, e sai a correr!
Irei para a casa de Omar... Êle me esconderá!
Fullin, no entanto, tivera a precaução de prevenir os guardas do Sultão de que João Pires era um espia. E, quando o português se aproxima do palácio...
Estais prêso, senhor!
Soldados! Dois de vós, levai-o ao Sultão! Os demais, acompanhai-me!

Pouco depois...

Dissesteis-me que João Pires furtara um documento! Seria êste?

Exatamente! Agradeço-te a ajuda! E, agora... Vamos à presença do Sultão!

No palácio. .

Sim... confesso que paguei a Omar Bey! Mas... tudo foi planejado por êle! Apiedai-vos de mim!

Meu vizir é, então, um traidor! Só pensa em obter ouro! Dou-vos graças, senhor Fullin, por me haverdes aberto os olhos!

Mesmo os mais espertos malfeitores acabam por ser apanhados! E... que fareis dêste cúmplice do vizir?

Não posso prendê-lo, por se tratar de súdito de um país com o qual estamos em paz. Mas, aquêles mesmos que o mandaram, haverão de castigá-lo, quando souberem do insucesso da missão! Quanto ao meu vizir, Omar Bey...

... será rigorosamente punido pelo meu carrasco! Isso servirá de exemplo, para que todos saibam que não permito a corrupção, entre os que me são subordinados!

Se mo permitis, relatarei ao Doge tudo o que acabo de presenciar! Estou certo de que Veneza poderá contar com o vosso apoio, nos trabalhos de construção do canal!

Perfeitamente! Trata-se de uma obra grandiosa, e que unirá muitos povos, através de um comércio mais intenso!

Encerrara-se, com pleno êxito, a missão de Candiano Fullin! E o jovem veneziano pode regressar, satisfeito, à sua pátria! Poucos dias depois, com efeito, seu navio parte, sob as aclamações daquele povo cuja amizade soubera conservar para os seus próprios conterrâneos...

E, mais tarde, em Veneza, um precioso documento — o detalhado relatório feito pelo destemido Candiano Fullin — é estudado pelo Conselho dos Dez. Engenheiros e Embaixadores são designados para tratar do assunto, em combinação com representantes de potências amigas, mas, devido a vários motivos, inclusive as contínuas guerras em que — durante o século XVI — Veneza se vê envolvida, não se iniciou a construção, do canal destinado a ligar o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho, através do istmo de Suez. Sòmente no século XIX isso se tornaria possível, graças aos esforços de Fernando De Lesseps, um engenheiro francês.

FIM

Richard Todd em

"ROBIN HOOD" da R.K.O.